

Alysson Maruyama

“Diga-me com ‘o que’ andas, que eu te direi quem és!”, se encaixa perfeitamente quando o assunto em questão é o tênis. Indispensável para a composição de qualquer *look*, esse acessório deixou de ser apenas um simples calçado para se tornar fundamental na definição do estilo de cada pessoa. Com muitos formatos, cores e utilidades ele é hoje utilizado em quase todas as ocasiões, desde uma composição básica de jeans e camiseta, até com *blazers* e ternos, transparecendo um visual mais moderno e descolado.

“A vestimenta é o espelho de si mesmo e o tênis se encaixa perfeitamente nessa idéia”, diz o historiador Roberto Figueiredo. Segundo ele o calçado de certa maneira “classifica” o estilo social e cultural das pessoas, ou seja, um rapaz que é skatista provavelmente utilizará um tênis maior e mais largo que os comuns, característica dessa tribo urbana. A gente usa um tênis maior e mais largo justamente pra proteção dos pés na hora de praticar o skate, além é claro, de ser esteticamente bacana.”, diz o estudante Eduardo Farias que há dois anos passou a andar com uma turma de skatistas do seu bairro. Ele ainda diz que antigamente costumava andar de *All Star* e tênis comum e que foi com os colegas de tropeços e caídas ao chão que começou a usar um estilo de tênis maior e apropriado.

Já o universitário Júnior Ávilla acredita que o estilo da pessoa influencia muito no resultado final da composição da roupa. Segundo ele, não são todos que podem ousar na hora da preparação do *look*. “No início do ano eu fui a uma formatura de um amigo meu e ele estava todo moderninho, usando fraque com gravata borboleta e nos pés um tênis *All Star* branco de cou-

ro, super bacana! Eu acho que o visual ficou ótimo porque ele é todo estiloso, tem um cabelo arrepiado e sabe como se utilizar disso”, diz o estudante que prefere utilizar tênis mais convencionais e em ocasiões mais tradicionais.

Mesmo com tantos adeptos desse tipo de calçado, o tênis, assim como todas as coisas do mundo também possui “não simpatizantes”. A enfermeira Julia Cardoso é um exemplo. Tênis pra ela é só para praticar esporte. “Eu o uso pouquíssimas vezes, quase nunca. Na verdade o tênis no início foi criado apenas para a prática es-

portiva, mas com o tempo as pessoas passaram a utilizá-lo como calçado comum e logo ele se tornou popular”, afirma. Athiene Camargo, universitária, também não tem o costume de utilizar esse tipo de calçado no seu dia-a-dia. “Eu não uso o tênis porque fico mais baixinha e também acredito que ele tira a feminilidade da mulher”, diz.

Existente desde a época da geração de jovens nos anos 70 o tênis *All Star*, é utilizado por famosos, anônimos, esportistas, roqueiros, patricinhas e mauricinhos, ou seja, para todas as tribos, o *All Star*, hoje, é o tênis mais

popular que existe. Em 2008 ele comemora 100 anos de existência e já passou por pés de muitos cidadãos pelo mundo a fora. “Eu adoro usar o *All Star*, tenho alguns em casa e se for contar todos os tênis que já tive dessa marca, acho que contabiliza uns 50!”, relembra a estudante Andréia Marques, de 15 anos.

Como dizem por aí, “quanto mais velho, melhor!”, ou “panela velha é que faz comida boa!”, o *All Star*, além de ter variações de estilo, cores e cadarços, têm também customizações. Os “surrados”, ou seja, tênis velho ou com aparência de ve-

lho, desgastado e sujo fazem sucesso. “Eu tenho um *All Star* de estimação no armário. Ele é bastante velho, mas eu o adoro. É bem mais confortável e mostra um pouco do meu estilo pessoal.”, diz Andréia, que com o tempo, deixou os amigos assinarem em seu tênis.

Segundo Roberto Figueiredo, o tênis também é algo que marcou épocas e gerações: “Antigamente as pessoas utilizavam calçados no estilo “chinesinho e conga” e também o *All Star* que continua em alta até hoje. Eles eram tênis populares, utilizados por muitos”, recorda. O estudante de Direito

Arthur Campos, de 26 anos, diz que utilizou muito esses modelos de calçados na época da escola. “Eu lembro que todos meus colegas de sala tinham o mesmo tênis, a gente colocava o uniforme da escola e ia com os “chinesinhos” pra aula. O mais legal eram durante as aulas de Educação Física, quando usamos a mesma roupa e tênis, nos achávamos jogadores profissionais”, sorri o estudante ao lembrar da cena.

O historiador Roberto Figueiredo afirma ainda que pode se considerar que o tênis hoje em dia classifica as pessoas por tribo e também status. Segundo ele, além do tênis ser um acessório que determina o estilo pessoal das pessoas, ele também pode, ou não, definir o status a que ela pertença. “Muitas pessoas acabam comprando um tênis de marca, super caro, apenas para se inserir em um meio. Ou também há outras que não tem condições de comprá-los e por isso acabam adquirindo um falsificado”, diz. Dona Antonia Brandão tem quatro filhos e todos estudam em escola particular, o que gera certo custo mensalmente para a família: “Dias atrás meu filho caçula chegou em casa pedindo um tênis de uma determinada marca, fui com ele até a loja e quase desmaiei com o preço do calçado. Era um absurdo de caro! Tive que conversar sério com ele e comprei um mais barato”, explica a aposentada.

Pode ser novo ou surrado, de marca ou “chinesinho”, bonito ou feio, tradicional ou moderninho, popular ou de elite, o que importa é que o tênis, desde sua criação, é uma peça fundamental para a composição do visual e do estilo do homem. Através dele e das pessoas com quem andamos no dia-a-dia é que, de certa forma, definimos nosso estilo de vida e a nossa maneira de pensar e agir. Por isso, “diga-me com “o que” e com quem andas, que eu te direi quem és.”

Talento e arte que estão na cara

Jackeline Oliveira

Mais que orelhas grandes, que olhos enormes, e essa cabeça maior que o corpo, o que é isso?

Isso é caricatura. É isso mesmo, tronco desproporcional à cabeça, olhos e orelhas exagerados, detalhes enaltecidos, essas são características da arte da caricatura. A palavra caricatura vem do italiano *caricare*, que significa carregar, no sentido de exagerar, aumentar algo em proporção. A referência dentro do caricaturismo é o italiano Annibale Carracci que é pioneiro a utilizá-la dentro da História da Arte.

Em grandes centros é uma arte conhecida e também mais acessível que em Campo Grande, onde esta arte é pouco conhecida, devido à falta de divulgação. De acordo com o caricaturista campo-grandense Claudio Dias, de 35 anos, os profissionais daqui são inacessíveis. “A gente mesmo não se acha, parece que a gente se esconde”, brinca.

Cláudio é dono de uma empresa de publicidade voltada para web, a caricatura é uma paixão e um dom à parte. Além da caricatura Claudio também faz retratos, porém nunca trabalhou na área de desenho, embora sempre te-

nha desenhado. Faz caricaturas há dez anos, numa propaganda boca a boca, seus trabalhos são feitos por encomenda. “Muitos não gostam da sua própria caricatura, de primeira a pessoa se espanta, mas depois dá risada”, comenta o artista.

A recepcionista Carolina Tomazela, de 19 anos tem vontade de fazer uma caricatura bem grande e colorida, mas percebe que aqui em Campo Grande essa arte é pouco explorada ainda”, diz .

Uma boa caricatura é feita quando o artista capta algumas características próprias da personalidade da pessoa, uma mania, uma expressão, dessa forma a caricatura fica “a cara” do caricaturado. “Tenho o mal costume de roer as unhas, ganhei de presente de aniversário de um amigo uma caricatura, nela eu apareço com uma das mãos na boca e as unhas da outra mão aparecem roídas, ficou muito engraçada e original”, admite o empresário Aguinaldo Tavares Junior, de 34 anos.

Os caricaturistas de Campo Grande estão ganhando espaço, mas a divulgação da arte ainda é pequena. Recentemente vários artistas do gênero tiveram alguns de seus trabalhos expostos no espaço de arte do Centro Comercial Popular, o Camelódromo. “Nossa é muito legal essa coisa de caricatura, as pessoas ficam diferentes e engraçadas, mas mesmo assim ainda é possível identificá-las, vou ligar pra um desses caras para fazer uma pra mim. Para eu por como quadro de assinaturas na minha festa de 15 anos”, empolga-se a estudante Jéssica Morgado, de 14 anos.

O retrato é mais caro que a caricatura, porém é mais fácil de agradar, explica Claudio Dias, que completa dizendo que no retrato não tem o prazer da brincadeira.

Diversão

O caricaturismo, filho do expressionismo ainda é uma arte pouco explorada, mas muito criativa e moderna, vem ganhando espaço e conquistando os mais diferentes tipos de clientes. Embora não seja tão barata, cada caricatura no tamanho A3, custa a partir de R\$100,00, valor que varia entre coloridas e em preto e branco. É uma ótima opção de presente, de decoração ou mesmo apenas para apreciação.





Mente

Sonhos ruins não revelam nada mais do que lembranças e devem ser encarados com naturalidade

Pesadelo: descarga da memória

Andréia Nunes

Todas as noites, não importa a lua, milhares de pessoas se retraem perante o mais terrível medo. Monstros, tiros, sangue, perseguição, espíritos, fantasmas e morte. O que parece fantasia se torna real a partir do momento em que se deita na cama e o sono vem. Os pesadelos são sonhos aflitivos que expressam nossos anseios, nossas frustrações, nossos mais profundos segredos. Freud ensina através da psicanálise, basicamente, que o alicerce de todo sonho é um desejo contrariado. Uma vontade inconveniente ante das regras em que se vive

diariamente.

“Estava em uma rua, sem asfalto, com muito mato e não conseguia enxergar o rosto das pessoas, mas o mais incrível é que eu sabia quem era, eu tinha poder de saber, saber inclusive que eu iria morrer”, conta a estudante Marcella Midori, de 20 anos. Ela relata também que sempre tem o mesmo medo, e tem esse mesmo sonho sucessivamente. O Dr. especialista em sono José Carlos Rosa Pires de Sousa explica que sonhos consecutivos significam apenas que um propósito não foi concretizado. “É a não solidificação de memórias”, explica em poucas palavras.

Esse mistério sobre os so-

nhos ruins, ou melhor, pesadelos, não escondem muitos segredos além de nossa pessoa. Pode-se encarar isso como uma forma de auto-descobrimto. O psicólogo Antônio Carlos de Araújo acrescenta outra corrente da psicologia estabelecida por Carl Gustav Jung. Essa corrente relaciona nossos sonhos às memórias comuns, ou seja, informações da humanidade que são comuns a todos. Por exemplo, todos acreditam e aceitam a idéia de religião, que de certa forma impõe limites e regras na vida do homem e que pode vir depois através dos sonhos como uma forma de manifestação, seja boa ou ruim. “Gostaria de enfatizar

que o sonho representa principalmente o drama histórico que o ser humano vivencia em determinada época, sendo a essência do sentimento que predomina na alma da pessoa”, complementa o psicólogo.

Você nunca sonhará algo que não é seu, que não tenha saído de sua cabeça, por mais que pareça inusitado. “Eu acordei subitamente, o lençol estava grudado em minha pele de tanto suor, mas antes disso eu queria ter gritado, tentei acordar, mesmo dormindo eu já sabia que era apenas um sonho ruim, mas eu não conseguia me mexer”, relembra Felipe Barroso, de 27 anos. Assustado, levantou-se tomou um

banho, um café e saiu de casa rumo à casa de sua mãe, que é espírita, em busca de uma explicação para o seu tormento. Dona Júlia Barroso, de 55 anos, explicou o fato com naturalidade ao filho:

- Seu espírito vaga enquanto você dorme. E vaga por lugares onde você queira, de alguma forma estar.
- Mas eu não conseguia acordar mãe!
- Porque talvez sua alma não quisesse voltar!

Assustado Felipe diz não ter acreditado. “Eu não acredito nessas coisas, fui falar com ela só para constar”, justificou Felipe dando uma risadinha constrangida. Mas de uma forma ou de outra o

esclarecimento de Júlia para o filho não foge à regra de que a memória de Felipe poderia estar eliminando ilusões, ou alimentando algum desejo, mesmo que seja por meio de alguma intervenção de sua vontade. Mesmo se fosse um sonho bom explica o Dr. José Carlos Rosa Pires: “Nem sempre os sonhos são nossos desejos. Durante os sonhos também solidificamos e eliminamos memórias ruins”, finaliza o médico. A diferença entre o que chamamos de sonho e pesadelo é apenas a de que o pesadelo é uma alucinação ruim. Mas Ambos podem se encaixar nesse contexto de que nossa memória guarda inconscientemente ou conscientemente.

A meta é: alcançar a estabilidade e salário do emprego público

Katiane Arce

A estabilidade e um bom salário são qualidades do emprego público que fazem milhares de brasileiros debruçarem seus sonhos nas apostilas de cursinhos. Para vencer a batalha dos concursos é necessário disposição para os estudos e organização do tempo, além de investimento financeiro com ressarcimento só após o chamado para assumir o cargo.

Luciene Ramos, de 37 anos, oficial de secretaria de promotoria, iniciou seus estudos para concursos em 2004, fez cursinho preparatório, passou diversas vezes, mas em colocações distantes da vaga. Só após três anos conseguiu ser chamada para o cargo. “Fiz mais de 30 concursos, fui aprovada em 25”, contabiliza ela.

Luciene relembra que as palestras específicas para estudantes de concurso mudaram sua rotina de estudos. Ela aprendeu a ter disciplina, montou um cronograma para seguir. Estudava das 7h até as 11h, parava para almoçar e descansar um pouco, depois retornava aos livros das 13h às 17, em seguida ia para o cursinho. “O que me ajudou muito foi quando eu comecei a pegar provas de concursos para resolver.

A hoje, oficial de promotoria, que ganha cerca de R\$ 2 mil, deixava as diversões de lado para estudar. “Não assistia novelas, assistia Jornal Nacional para me informar sobre o que estava acontecendo. Concorso é como uma fila, se você parar de estudar volta para o

final”, aconselha Luciene que ainda não parou com os estudos. “O meu objetivo é a Receita Federal. Continuo os meus estudos, mas agora em um ritmo diferente, já que passei no concurso”, ressalta Luciene.

Bolso

Passar em concurso exige muita dedicação e também dinheiro para investir na preparação. O engenheiro de computação, Breno di Paula, de 25 anos, fez o seu primeiro concurso em 2007 para o Ministério Público da União. Ficou colocado em trigésimo lugar e muito estimulado. “Eu comecei a estudar logo que saía o edital. Essa colocação me incentivou a estudar e percebi que se eu me esforçasse um pouco mais a minha colocação iria melhorar. A pessoa tem que ter um objetivo focado e disponibilizar dinheiro para os cursinhos e livros”, explica o engenheiro

Segundo a professora de cursinho específico para concursos, Maria Cecília (XXXXX), de 36 anos, as inscrições para os concursos custam em média de R\$ 50 a 60,00. De acordo com o concurso, os preços dos cursinhos variam. Existem aqueles cursos temporários, especiais para concursos que abrem edital três meses antes do dia da prova, por exemplo. E têm aqueles cursinhos fixos, para quem não quer estudar o ano inteiro.

Breno Di Paula gastou em três anos de cursinhos, uma média de R\$ 880,00. Agora está fazendo mais

Foto: www.coren-ma.com.br/ings/prova_1.jpg



Persistente - Candidata foi aprovada em 25 concursos até ser chamada

dois cursos, um pela internet, que parcelou em cinco vezes de R\$ 176,00 para facilitar o pagamento. Faz ainda um cursinho de português, onde gasta, cerca de R\$ 60,00 mensais. “As pessoas têm que seguir o objetivo delas, o meu eu estou buscando, passar no Ministério Público”, conclui ele.

Alan de Oliveira, de 25 anos, se formou há quatro anos em Engenharia Civil e já passou em dois concursos públicos. O primeiro deles foi para desenhista da Empresa de Saneamento de Mato Grosso do Sul (SANESUL). Ficou no cargo menos de um ano, mas ainda não estava contente pois não era sua área e continuou estudando. Prestou concurso no Acre para engenheiro Civil do Sistema de Abastecimento de Água e Esgoto de Rio Branco (Saerb), e já assumiu o cargo, se diz realizado. “Hoje me sinto realizado profissionalmente pois estou tra-

balhando na área que sempre gostei. Vejo que valeu apenas meu esforço, perdi muitas baladas estudando, mas não foi em vão”, se orgulha Alan que deixou a família e amigos para buscar a realização profissional como servidor público. “Sinto muita saudade de todos, estou há mais de cinco meses sem ver minha família. Sempre que meus pais podem eles me fazem uma visita”, ressalta o engenheiro.

Já para Caroline Cambará, de 24 anos, a realidade é outra. Formada em Rádio e TV, há dois anos já prestou vários concursos, foi aprovada, mas ainda não foi chamada. “A ansiedade de esperar, é o que mais me desmotiva. Fui aprovada há pouco tempo no concurso dos Correios, estou aguardando, tenho muita força de vontade e por mais difícil que seja vou continuar. A oportunidade é pequena já que são muitos candidatos para pouca vaga”, desabafa Caroline.

Ler é outra história

A leitura abre as portas para um mundo de magia e de realizações. Leia, incentive a leitura e ajude a escrever grandes histórias.

Como gastar R\$ 219 milhões?

Rodson Lima

Com ares de interior e imponência de cidade grande, é assim que se pode classificar Campo Grande ou se preferir *Capital Morena*. Considerada uma das dez cidades com melhor índice de qualidade de vida. Com gente simples e calorosa, o município dispõe de profissionais e cidadãos que planejam e decidem qual o melhor destino para os investimentos para as seis regiões da Capital.

Para moradores o que mais pesa na decisão de morar em Campo Grande ao invés de lugares como Rio de Janeiro e São Paulo, são a qualidade de vida e a segurança. Vários fatores definem a qualidade de um município, como por exemplo, a perspectiva de vida, renda per capita e infra-estrutura, além de outros indicadores que são fundamentais para o desenvolvimento. Assim como o passar dos anos a paisagem urbana vai se espalhando pela cidade com ar de interior.

De acordo com a Diretoria do Instituto de Planejamento Urbano (Planurb), Marta Lucia da Silva Martinez, o orçamento para investimentos em 2008 em Campo Grande está em torno de R\$ 219 milhões, cerca de 52 milhões a mais em relação ao ano passado.

Partes desses investimentos são aplicados nas seis regiões de Campo Grande: Centro, Prosa, Bandeira, Anhanduizinho, Imbirussu e Segredo, além do distrito de Rochedinho. A diretora do Planurb não soube informar quais destas regiões receberam mais investimentos. “É difícil saber, pois nós não temos um estudo completo, para saber teríamos que fazer um levantamento detalhado para detectar quais regiões receberam mais investimentos durante este tempo”.

Para este ano, o prefeito

da Capital lançou diversas obras nos setores habitação, pavimentação asfáltica, drenagem de águas pluviais e esgoto, além de três parques lineares que juntos somam quase R\$ 100 milhões. Mas para compreender como são realizados estes investimentos a diretora do Planurb explica. “A prefeitura não vive apenas de habitação, há outros projetos que têm que ser executados. A Planurb tem um critério de prioridades, se existe viabilidade na região para uma determinada obra e existe um desejo da população, é claro que vamos colocá-lo em prática”. E continua: “às vezes tem um projeto que custa R\$ 20 milhões e atendem apenas um determinado número de pessoas e existe outro que custa R\$ 100 milhões, mas que atende um amplo número de pessoas e que melhora a qualidade daquela região. Assim, nós prezamos pelo menor custo maior benefício para a população”.

Favelas

Mas mesmo com estas transformações Campo Grande não está totalmente livre das favelas e comodatos que na sua maioria estão localizados nos bairros mais afastados. Uma das soluções encontradas pela Prefeitura Municipal, através da Planurb, foi a de revitalizar áreas consideradas de risco transformando-as em parques. Conforme a diretora, o projeto do parque linear do Imbirussu, está orçado em R\$ 15 milhões e os recursos são divididos, uma parte com recursos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e a outra da prefeitura municipal. Neste projeto estão obras de remoção de famílias que vivem em situação de risco e obras de contenção de águas. “Graças a Deus que não existem mais favelas em Campo Grande, existe comodatos, onde moram aproximadamente 35 famílias morando em barracos”,



Contas - Projeto do futuro Parque Linear do Imbirussu que vai custar R15 milhões, parte do dinheiro vem do tesouro municipal

comemora a diretora da Planurb.

Mas a dona de casa, Valteir Pereira França, de 40 anos, moradora de uma favela que se localiza no bairro Tarsila do Amaral, se espanta quando se diz que na capital não existe favelas. “Diz a eles para ir até a minha casa, eu moro em um barraco, lá moram mais de cem famílias, e mais adiante de onde eu moro, tem mais uma favela, todos nós moramos em barracos”. Ainda de acordo com a moradora, o bairro onde se localiza a favela (Tarsila do Amaral) não é asfaltado e reclama que quando chove a situação fica complicada. “Para você ver como é a situação de lá, basta ir lá pra vê. Para pegar ônibus tenho que andar muito e lá só passa uma linha de ônibus e quando chove fica difícil para chegar lá”, comenta.

Mas para vendedora ambulante, Nilza Borges Nascimento, de 56 anos, que foi

contemplada com uma casa em um dos novos bairros da Capital, comenta que gosta de viver em Campo Grande, mas fica descontente porque não consegue entrar no mercado de trabalho. “Quando vou a uma entrevista de emprego, as pessoas me falam que não tenho idade para o emprego. Eles querem pessoas que tenham 26 anos. Hoje eu vendo sucos no terminal, quando aparece um fiscal aqui fico com medo. Alguns tomam os meus produtos e fico no prejuízo, se estou no centro, acontece à mesma coisa”.

A mineira que veio para a cidade fica preocupada, porque tem que pagar a prestação da casa que recebeu da prefeitura e com a proibição fica difícil para honrar as prestações. “Pra você vê, eu já ganho pouco e quando me tiram fico sem nada. E imagina quando esfria, eu tenho que dar um jeito de vender outra coisa, a situação não é

fácil”, conclui.

Para entender como funciona a logística de aprovação de projeto segue alguns caminhos. Antes do projeto ser executado, ele passa pela Planurb, para ser planejado, depois é encaminhado para a prefeitura, que o insere no Plano Diretor um ano antes de ser efetivado, para depois ser encaminhada a Câmara Municipal dos Vereadores que aprovam ou não o projeto. Caso seja aprovada, a obra é colocada em prática.

Mas, mesmo com estes problemas, para muitos a cidade é moderna com edifícios comerciais e residenciais, com pessoas hospitaleiras. A dona de casa, Margarida da Silva de 50 anos, adora morar na Capital. “Eu amo morar aqui, acredito que não exista outro lugar para se viver. Aqui você pode andar sem se preocupar com assalto, lógico que existe, mas não é tanto como nos outros lugares. A cidade é limpa, tran-

quila e boa para se viver. As coisas aqui também são mais baratas”, se orgulha ela.

Para a estudante de rádio e tv, Giovana Nunes de Vasconcelos, de 21 anos, o povo da cidade é muito caloroso. “Sou daqui, mas sempre estou indo para São Paulo, quando chego lá e quero ver os meus amigos eles preferem ir para um lugar para se encontrar. Aqui as pessoas são mais calorosas”, explica.

E assim Campo Grande vai acompanhando o desenvolvimento, mas sempre mantendo aquele ar de cidade de interior, com pessoas que se cumprimentam e que se encontram para tomar o famoso tereré.

PENHOR

“Prego” vira saída para sanar dívidas

Ana Flávia Violante

Mês de janeiro e as contas anuais aparecem – IPVA, matrículas, IPTU. Alguns meses depois, e tudo sobe – arroz, combustível, remédio... Durante os outros meses, as contas “normais” continuam chegando – água, supermercado, telefone. Em dezembro é Natal e o consumismo ataca e instiga a “necessidade” de comprar presentes para todo mundo. Fim de ano, chega o merecido recesso, e lá vai a família toda para a viagem de férias. Ano novo, contas novas, e o círculo começa a girar novamente. A verdade é que quando o bolso aperta, a maioria das pessoas fica em dúvida sobre o que fazer para conseguir aquele dinheiro extra. Porém, muita gente recorre a um dos empréstimos mais comuns e antigos do Brasil: o penhor.

Este tipo de empréstimo, especialmente o penhor de jóias, atrai cada vez mais os brasileiros pelas suas facilidades. Uma delas, e a maior determinante, é

o fato da Caixa Econômica Federal (CEF), único banco autorizado legalmente a realizar penhoras, não verificar se a pessoa tem ou não restrição cadastral. “As pessoas estão sempre precisando de crédito, e no caso do penhor não nos interessa se estão devendo na praça ou se têm o nome limpo. Se ela tem a jóia, que é a garantia, já basta”, diz o gerente geral de uma das agências da Caixa de Campo Grande Lúcio Flávio Mourão Santos. Ele afirma ainda que a taxa de juros baixos é uma vantagem secundária. “Até existem outros tipos de empréstimos com juros mais baixos que o de penhor, mas nestes casos as pessoas mais simples não têm acesso”.

Para penhorar as jóias, o cliente precisa ter mais de 18 anos, apresentar um documento de identidade com foto, CPF e comprovante de residência. A penhora é realizada por profissionais treinados na hora e na frente do cliente, que sai do banco com 80% do valor de avaliação da jóia em dinheiro, sendo R\$ 50 mil o valor máximo, e R\$ 50 o mínimo. “Entende-se por jóias objetos em metal nobre trabalhado, de ouro e de platina. Aceitamos também peças com diamantes, colares de pérola e relógios de alta gama, além de

barras de ouro”, explica o avaliador de penhor há cinco anos, Luiz Cláudio de Aquino. Ele afirma ainda que os prazos para a quitação da dívida podem ser de 30 até 180 dias. O cliente pode quitar sua dívida a qualquer momento e também pode renovar seu contrato após o pagamento dos juros por quantas vezes quiser.

De acordo com uma pesquisa realizada pela própria CEF, 70% dos entrevistados usam o dinheiro obtido no empréstimo para pagar dívidas pessoais. É o caso do aposentado Jerônimo Zuza de Souza, de 71 anos de idade, que estava pagando os juros de sua penhora em uma caixa eletrônica. “Sempre que preciso de dinheiro fácil penho algumas jóias da minha esposa. Geralmente com o dinheiro recebido pago contas que não estavam previstas no orçamento”, explica seu Jerônimo, cliente “assíduo” do serviço. Assiduidade também é uma das características do penhor: ainda entre os entrevistados, 78% já haviam realizado esta operação antes.

Segundo a Caixa Econômica, os compradores são, em geral, mulheres, na faixa etária de 35 a 55 anos e de todas as classes sociais, como é o caso da costureira Custódia Bispo Ferreira, de 55 anos. Ela penhora suas jóias há mais de duas décadas e no momento da entrevista estava resgatando suas jóias. “Gosto muito de realizar este tipo de empréstimo porque os



Foto: Ana Flávia Violante

Crédito - Jóias são a garantia de pagamento para empréstimo da Caixa Econômica Federal

juros são baixinhos, aí dá para ir amortizando a dívida aos poucos. Além disso, eu tenho a certeza que minhas jóias estão em segurança aqui”, afirma dona Custódia, que garante nunca ter perdido prazo de pagamento. “Estou sempre ligada”.

Se o cliente não realizar o pagamento dos juros após 30 dias do vencimento, as jóias vão a leilão, o que acontece, em média, em 5% dos casos. A Caixa avisa o dono das jóias através de correspondência, que pode recuperá-las até no dia do leilão, pagando as devidas taxas. Os leilões acontecem uma vez por mês nas próprias agências, geralmente na central da cidade. As jóias

ficam expostas durante um dia inteiro, dentro do saquinho em que foram deixadas no momento da penhora, com o número de lote e o valor do lance mínimo, que corresponde ao valor do empréstimo, ou seja, o valor da avaliação da jóia. Qualquer pessoa pode ir até uma caixa eletrônica da Caixa e dar seu lance. E mais um benefício para quem penhora: o valor da diferença entre o lance mínimo e o valor arrematado é repassado para o cliente, subtraído 8% referente aos custos do leilão.

R.M.S., de 50 anos, é vendedora de jóias e diz que há alguns anos costuma frequentar os leilões da Caixa. “Eu fico com algumas jóias

que compro e vendo algumas também. Mas é preciso saber comprar. Por exemplo, evito comprar alianças, porque geralmente elas têm algo escrito por dentro, e se eu for apagar, perco algumas gramas do ouro”, explica a experiente compradora.

O sucesso deste tipo de empréstimo pode ser comprovado em números: em 2007, foram mais de R\$ 5 bilhões em créditos concedidos para os mais de 7 milhões de contratos assinados.

REVIS TAO

CAMPO GRANDE - MAIO DE 2008

EM FOCO

O acaso e a praça do Aero-Rancho

+comunicação
Agência Pedagógica do curso de Publicidade e Propaganda

U C D B

Eles impedem o sacrifício de animais e garantem saúde

Sem o pecado da carne à mesa

Fernanda Kury

Um churrasquinho no fim de semana, aquele suculento bife mal passado e até mesmo o delicioso estrogonofe de carne são pratos riscados no cardápio dos vegetarianos. Para alguns pode parecer estranho: pessoas que tenham uma alimentação à base de verduras, legumes e proteínas de soja. Mas o que eles não sabem é que essas pessoas decididas a pararem de consumir carne e derivados de laticínios, desejam contribuir para o bem estar dos animais e de seus próprios organismos humanos.

A aposentada de 78 anos, Aurila Martins de Barros relata que sua família vivia na fazenda e desde pequena comia carne, somente 76 anos depois é que dona Aurila se tornou vegetariana”. Antes eu tinha pressão alta, problemas cardíacos sofria de angina no peito e tive que fazer dois cateterismos durante minha vida. Eu me sentia muito mal, fui duas vezes pro hospital com ameaça de infarto e mesmo que você não come carne gorda, a carne já tem gordura animal e isso entope as veias”, acredita Aurila.

Após ver cenas de animais em matadouros sendo sacrificados, dona Aurila fez uma proposta à si: parar o consumo de carne vermelha. Segundo ela, os resultados foram benéficos. “Hoje a gente pode falar que meu intestino é um relógio. Não sofro mais problemas cardíacos e mês passado fiz exames de saúde. O meu cardiologista disse que tinha inveja da minha saúde. Graças a Deus não sofro de mais nada disso.”

Já o professor de Química da Universidade de Surrey, situada na cidade do condado de Surrey, Guildford, Inglaterra, Gabriel Buist, de 80 anos, explica que sua vida é normal mesmo sem nunca ter comido carne vermelha. Ele é vegetariano de nascença. “Eu acho a coisa mais natural o que faço, eu sempre fui

vegetariano e acredito que o vegetarianismo vem a contribuir com as pessoas e a sociedade da melhor forma possível, especialmente para os animais”, explicou Buist, que estava de passagem por Campo Grande.

Ideologia

Vegetarianismo é um regime alimentar segundo o qual nada que implique sacrifício de vidas animais deve servir à alimentação. Assim, vegetarianos radicais, denominados vegans, não comem carnes e seus derivados. Quando eles incluem em sua alimentação laticínios e ovos são denominados ovo-lacto-vegetarianos.

Para Regina Martins, de 43 anos, vegetariana há 33 anos, só existem benefícios na alimentação sem a carne por perto. Ela explica que desde os dez anos de idade decidiu parar de comer carne vermelha. “Foi por causa dos animais, um dia eu descobri que aquela comida que eu comia vinha do sofrimento deles. Teve uma visita da minha escola ao frigorífico, que eu não fui. Mas só pelos relatos dos meus colegas eu não quis mais comer carne”, explica Regina.

De acordo com a nutricionista Eliane Bezerra do Nascimento, a alimentação vegetariana tem oferecido para seus adeptos uma qualidade de vida melhor. Os problemas no funcionamento do organismo humano têm um índice muito menor nas pessoas que optaram por essa alimentação. “Estudos comprovam longevidade. Baixíssimos índices de câncer de intestino, problemas no sistema circulatório, ou seja, problemas cardíacos, diabetes, obesidade e problemas de constipação intestinal”, diz Eliane.

Para aqueles que pensam que terão que viver o resto da vida se alimentando de folhas, a nutricionista Eliane dá a seguinte dica para não deixar a monotonia cair no seu prato.

“Uma das maneiras que eu sugiro é o grão de bico, considerado proteína vegetal e se torna uma proteína completa quando ela está associada a um cereal. E quando temos um cereal com uma leguminosa a proteína está completa. Outro substituto do feijão, que não deixa nada a desejar em quantide de proteína vegetal é a lentilha”, afirma Eliane. Ela ainda explica que para os adeptos à essa dieta estimula-se a utilização de grãos, vegetais, cereais e castanhas. E ressalta a importância em não deixar simplesmente de comer a carne e não saber fazer a substituição pois com disciplina eles possam ter uma vida equilibrada e saudável. “Existem pessoas que passam a comer só foleosos e vegetais, acabam entrando num quadro de anemia, de baixa de glicose, fazem hipoglicemia durante o trabalho, hipotensão, e acham que foi a dieta, que a alimentação é fraca. E na verdade não é isso, o problema é a má combinação desses alimentos, sendo usada de maneira irregular e que podem trazer mal estar à pessoa”.

Preconceito

O assunto preconceito é o que mais incomoda os participantes. Lucas Carvalho, de 16 anos, que se tornou vegetariano há quatro meses relata que sofre preconceito por parte dos amigos e componentes da banda em que faz parte. “Preconceito eu sinto até hoje, o pessoal da minha banda fala que eu só vou comer mato, me dão apelidos e zoam dizendo que isso não dá futuro. Mas eu estou me tornando vegetariano pela conscientização dos maus tratos que os animais recebem”.

O adepto à dieta, mais antigo entre os participantes do grupo, Evandro Penha, de 22 anos, que há dois anos e seis meses é vegetariano, diz que também sofreu preconceito, mas por parte da família. Ele tornou-se vege-



Unidos- Em Campo Grande, adeptos do vegetarianismo fazem parte de grupo para discussões

tariano por questões de saúde. Segundo Evandro quando tinha 16 anos, pesava 80 quilos, 15 a mais que seu peso atual. E as brincadeiras preconceituosas continuam com o passar dos anos. “Primeiro eles gostaram porque tava fazendo bem pra minha saúde. Mas depois sempre tinha alguém fazendo uma brincadinha maldosa, sem graça. Você tenta não ligar, mas todo dia é a mesma coisa, daí um dia você acaba se enfurecendo e te julgam ser uma pessoa agressiva. Mas você defende uma causa e todo dia você vê aquela pessoa que não te apoia, não dá valor naquilo e m

que você acredita, daí acabo enfurecendo mesmo”, explica Evandro.

Juliana Aramaqui, de 18 anos, tem o namorado vegetariano e sua opção é não abandonar o bom e velho churrasco nunca. “A gente cresceu nessa tradição de comer carne. Churrasquinho todo final de semana, então não dá pra abrir mão. Mesmo você comendo carne, se tiver uma alimentação balanceada não tem problema nenhum. A maioria que vira vegetariano é uma questão de natureza, mas tem outras formas de você preservar não sendo vegetariano. O ser humano é livre, ele faz o que quiser na vida.”

Juliana ainda explica que a relação com o namorado é tranquila pela questão de opções na alimentação e em um momento de descontração brinca com o namorado. “Se vamos à uma lachonete é tranquilo, ele come os matos dele e eu como meu bacon, minha salsicha”, conta entre risadas a namorada.

Sociedade

A Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB) é composta por 20 grupos em 19 Estados, dentre eles Mato Grosso do Sul.

De acordo com a Presidente da Sociedade Vegetariana Brasileira e Coordenadora da América latina da união vegetariana, Marly Winckler a proposta da sociedade é divulgar informações bem fundamentadas sobre os benefícios da alimentação vegetariana e sobre os graves problemas que implicam uma alimentação centrada na carne. Já a coordenadora do grupo Campo Grande da SVB, Jaqueline Torres, de 23 anos, explicou ao Em Foco qual a finalidade principal do grupo local, que completou dois anos é de união. “O grupo campo-grande começou com a intenção de que pudéssemos ter um grupo de pessoas adeptos ao vegetarianismo e a gente poder trocar receitas, experiências, saber onde encontrar os produtos aqui em Campo Grande. Agora está mais fácil, mas no começo foi difícil”.

De acordo com dados da SVB nacional estima-se que, no mundo, a cada segundo, uma área de floresta tropical do tamanho de um campo de futebol seja desmatada para produzir carne de boi equivalente a 257 hambúrgueres. Em média um quilo de carne bovina é responsável por 10 mil metros de floresta desmatada. Para Elton Oshiro que há 15 anos é vegetariano a solução para reduzir a fome no mundo seria investir na agricultura. “O comércio, o mercado da carne é muito oneroso e pode estar causando a fome no mundo. Se pegarmos por exemplo, todos os pastos que tem no Brasil e ao invés de usá-los pra pecuária, cultivar aí, frutas ou vegetais em geral. Você vai conseguir suprir mais ou menos a fome do mundo todo. Isso só com os pastos aqui do país. Fora que a cultura que usa é intensiva, mas aqui a gente sabe que a pecuária é extensiva, ou seja, para uma cabeça de gado é um hectare que se planta, quanta coisa que se usa. Além de ser mais barato” conclui o vegetariano.





Tratamento - Curso de Fonaudiologia atende gratuitamente na Clínica Escola da Universidade Católica Dom Bosco, casos de pessoas que enfrentam dificuldades escolares devido à dislexia

Janete Cristaldo

Ser criticada por não ter uma pronúncia correta ou ser taxada de preguiçosa e desorganizada por não fazer um texto ou uma leitura corretamente, são situações vividas por muitas pessoas. No entanto estas dificuldades podem ser causadas por distúrbio que atrapalha o desenvolvimento da linguagem em crianças, adolescentes e adultos. Na novela das oito da Rede Globo, a atriz Bárbara Borges, que interpreta Clarissa, uma jovem que sonha em se formar em juíza, mas sofre de um problema chamado

dislexia. O papel de disléxica da atriz ajudou muito a esclarecer um dos problemas dessa doença, como por exemplo, as dificuldades em leituras, e em geral dificuldades com a ortografia e a organização da escrita.

A leitura, seja para uma pessoa que não tenha esse transtorno, ou para um disléxico, é uma habilidade complexa e que se deve dar a maior atenção, principalmente na infância. Parte daí os cuidados para um melhor desempenho escolar, afinal ninguém nasceu lendo ou escrevendo.

Para Ednie Correia Ferreira, de 27 anos, voltar a estudar hoje depois de treze anos ficou mais fácil. Isso porque ele desconhecia o problema da dislexia e odiava as aulas, principalmente as de português por causa das redações e ditados. Sempre criticado por pronunciar errado determinadas palavras e não ter um bom desempenho escolar deixou de estudar e não quis mais saber de leituras. Até que uma colega de trabalho que cursa o terceiro ano de fonoaudiologia o alertou para esse problema. “Graças

Dislexia

Distúrbio atrapalha leitura, escrita e dificulta aprendizado

Trocar as letras pode ser doença

a minha amiga Sandra que comentou comigo sobre esse problema de dislexia, consultei uma fono, no qual foi constatado que eu tinha esse distúrbio, estou fazendo tratamento na clínica escola da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) faz um ano e já voltei a estudar. Agora ficou mais fácil, pois sei que não sou burro só tenho dificuldades com as letras, mas estou tranquilo e com paciência para as aulas, meus professores não me forçam tanto como antigamente”, contou Ednei que sonha em terminar o ensino médio para prestar vestibular na área da nutrição.

Definida como um distúrbio ou transtorno de aprendizagem na área da leitura, escrita e soletração, a dislexia é hoje a doença de maior incidência nas salas de aulas. De acordo com pesquisas realizadas em vários países pela Associação Nacional de Dislexia (AND) foram constatados que entre 5% e 17% da população mundial é disléxica. A dislexia é uma das mais comuns deficiências de aprendizado, 20% de todas as crianças sofrem des-

te mal.

Segundo a fonoaudióloga, professora do curso de Fonoaudiologia da UCDB Lilian Ferro pessoas disléxicas que não se trataram quando crianças têm dificuldade em ler, pois é difícil para elas assimilar palavras. Também geralmente soletram muito mal, isto não

quer dizer que crianças que sofrem de dislexia não são inteligentes, na verdade muitas delas apresentam um grau de inteligência normal ou até superior ao da maioria das pessoas. Ao contrário do que muitos pensam, a dislexia não resulta de uma má alfabetização, desatenção, desmotivação ou condições

financeiras, mas sim de uma condição hereditária com alterações genéticas, apresentando ainda alterações no padrão neurológico. “Por esses múltiplos fatores é que a dislexia deve ser diagnosticada por uma equipe multidisciplinar, esse tipo de avaliação permite um acompanhamento mais efetivo das dificuldades após o diagnóstico, direcionando as particularidades de cada indivíduo levando a resultados mais concretos”, explica a psicóloga Tânia Rocha Nascimento, de 50, anos que trabalha há 25 anos na área de dislexia na Clínica Escola da UCDB.

Tratamento

De acordo com a professora Tânia não existe cura nem forma de prevenir a dislexia, pois o tratamento é baseado em técnicas de escrita e leitura, o objetivo é estimular o cérebro a entender as letras de forma mais adequada. Para que esse tratamento

funcione, é preciso a participação de vários profissionais, psicólogos, fonoaudiólogos, neurologista e psicopedagogas, para que entre eles o trabalho possa ter desenvolvimento e que essa criança ou adulto possa se sentir mais comum do que qualquer um que não tenha esse distúrbio. O trabalho elaborado por estes profissionais na briga contra a dislexia deixa a sensação de companheirismo.

“É muito importante que nas redes públicas de ensino, os professores possam ter essa atenção, pois são eles que estão diretamente em convívio com este paciente. A interação entre escola e aluno faz muita diferença para o tratamento daquela pessoa”, explica a psicóloga Tânia. Ela informa ainda que os pais devem se atentar desde de cedo sobre a pronúncia dos filhos, não permitindo que fique tarde demais para começar a correção desse problema.

Como identificar?

Janete Cristaldo

Como identificar a dislexia em crianças de 3 a 8 anos:

- Fala atrasada em relação a outros da mesma idade;
- Dificuldade para reconhecer rimas e memorizar cantigas infantis;
- Dificuldade para aprender, reconhecer e nomear as letras do alfabeto;
- Desinteresse por livros de história, brincadeiras com jogos e canções que envolvam sons verbais.

Como identificar em crianças a partir dos 8 anos:

- Dificuldade para pronunciar palavras longas e complexas;
- Confunde letras graficamente parecidas ou com sons semelhantes: D e B, Q e G, P e Q, o que dificulta até a pronúncia de palavras simples;
- Freqüentemente inverte ou omite letras ou sílabas, (ouve telefone e pronuncia telone por exemplo).
- Adolescente e adultos
- Dificuldade em redigir pequenos textos como cartas

simples, redações escritas e provas escritas;

- Lentidão ou necessidade de acompanhar a leitura com algum tipo de apoio (de-

dos, canetas e régua);

- Falhas de interpretação de texto, dificuldade em aprender uma segunda língua.

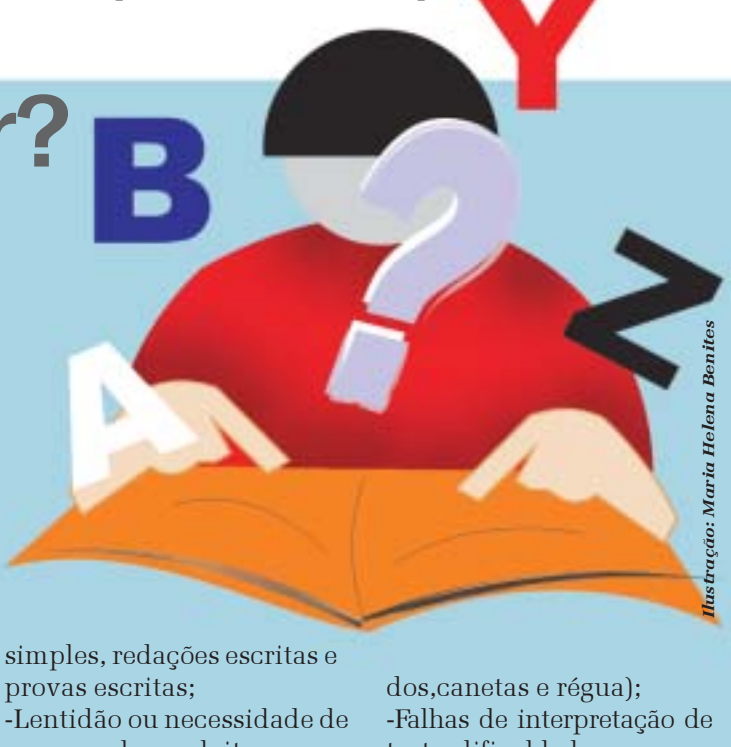


Ilustração: Maria Helena Benites

PÓS-GRADUAÇÃO
FUTPLDOH
KUNCVARTEAJEIKFOLEMR
JURDESIGNFGRÁFICO:RF
INTERCULTURALIDADEÇYRIS
OGTSEXPRESSÃO TMEJLAÇ
TMARCADHNM CULTURAZKA
JDULJUIKTECNOLOGIAJDU
JUNIVERSIDADESRTGGWEB
KDJURGRHCATÓLICANSMT
KSDOMTGBOSCOÇZUCDBG
JHG TIPOGRAFIAERMJD
LKO INSCRIÇÕESIAMND
OBJETO HUIZABERTASIS



www.ucdb.br/pos . 3312.3522 . 3312.3483

Especialista define infidelidade como um segredo sexual ou romântico que viola o compromisso

Trair...é só começar...

Chances - Pesquisa revela que a infidelidade está diretamente ligada às oportunidades para trair, isto é, quem tem mais chances de enganar o parceiro é vulnerável à traição

Kamilla Ratier

Gostoso entra na sala. “Alguema mulher interessada em um relacionamento (sem compromisso) com um homem casado?” Numa fração de segundo várias mulheres começam a bombardeá-lo de perguntas do tipo: como você é (fisicamente); quantos anos; o que você realmente quer. Hoje, é visível que mais e mais pessoas que mantêm um relacionamento estável procuram outros parceiros em busca da novidade, do proibido.

Gostoso, que preferiu não se identificar, tem 29 anos, casado há oito, conta que encontrou em salas de bate-papo na internet uma alternativa para conhecer outras mulheres. “Entro em ‘chats’ para sair com outras e ficar sem compromisso. O homem pode até amar sua mulher, mas precisa sair com diferentes, pelo menos é a minha necessidade e acredito que de todos os outros também”,

conclui.

Se voltarmos um pouco no tempo, no final da década de 80, os relacionamentos passaram por transformações devido ao estímulo à vivência da sexualidade. A “igualdade” entre os sexos, a independência feminina trouxeram à tona a necessidade de adaptação nos relacionamentos entre namorados, marido e mulher, que direta ou indiretamente está ligado à preocupação com a estabilidade no mercado de trabalho e a valorização, muitas vezes excessiva, do individualismo. Um não depende mais do outro.

De acordo com o psicólogo Thiago de Almeida, da Universidade de São Paulo, e escreveu uma dissertação de mestrado intitulada “Ciúme romântico e infidelidade amorosa entre paulistanos: incidências e relações”, a infidelidade pode ser definida como ‘um segredo sexual, romântico, ou envolvimento emocional que viola o com-

promisso de um relacionamento exclusivo”. Na pesquisa realizada por ele, a infidelidade está diretamente ligada à oportunidade, ou seja, quem tem mais chances de enganar o parceiro está mais vulnerável a trair, e os ambientes mais propícios à traição são os locais de trabalho e a internet.

Em uma conversa entre amigos universitários do sexo masculino e feminino discutem sobre o que leva uma pessoa a trair o companheiro e para evitar comprometimento com o tema preferem não se identificar. Na conversa as opiniões são as mais variadas. Os homens argumentam pela busca de novidades, pois há tantas mulheres diferentes, formas, cores, cheiros, gestos... Dessa forma encontram uma maneira de “sair da rotina”. E essa busca por novidade é real! “No país em que vivemos a situação do homem é cada vez mais complicada. As brasileiras são lindas e todas de um jeito di-

ferente: morenas, loiras, ruivas, altas, baixas... não tem como ficarmos com só um tipo de mulher”, argumenta um dos homens que participa da conversa. Mas por que é mais comum encontrarmos homens infiéis? E a resposta é tão simples...

Recentemente, recebi um e-mail, um texto do Arnaldo Jabor que fala exatamente sobre a infidelidade masculina, e, em uma frase, Jabor consegue responder a essa questão: “para trair a mulher precisa de um motivo e o homem, de uma mulher!” Preciso falar mais alguma coisa? Mas aí entra outra questão, e o amor, onde fica?

As mulheres, pelo menos a maioria, não acredita que é possível que o homem seja infiel e a ame de verdade. Acredite quem quiser, mas é possível sim. “Eu e minha ex-noiva ficamos juntos durante quatro anos. Ela tinha uma prima que começou a dar umas investidas e você sabe como homem é. Fiquei com

as duas durante seis meses, mas minha noiva descobriu e terminou comigo. Eu a amava, só fiquei com a prima dela pela novidade”, conta acadêmico, que denomina-se “Y”, pois prefere não se identificar.

Mas as mulheres também não podem ficar como as “santas” da situação. Mulher também é infiel. “O meu marido não me dava o valor que eu realmente merecia. Conheci um homem que soube reconhecer minhas qualidades, que me desejou como nunca meu marido o fez. Traí mesmo. Não tenho vergonha de dizer. Ele descobriu, jogou na minha cara que já tinha me traído antes, mas não agüentou o “peso” e pediu divórcio”, revela a empresária Sônia Silva, de 45 anos. E no caso das amantes, não depende só do homem para se trair. “A ‘mulherada’ também é fogo! Vocês provocam e o homem tenta, mas, na maioria das vezes, não consegue resistir. É questão de desejo

também”, afirma um dos entrevistados sobre quando outra mulher, mesmo sabendo que o homem é comprometido, o provoca com gestos ou parte pra cima de uma vez. A mulher não precisa de muito quando quer.

É fato que depois que um dos dois descobre que foi traído o relacionamento não será mais o mesmo. Ambos podem até tentar levar o relacionamento como se nada tivesse acontecido, mas qualquer discussão, por mínima que seja, o assunto traição é desenterrado, ou seja, há grandes possibilidades do fim do namoro e/ou casamento.

Outro fator que não justifica, mas que favorece a infidelidade é o ciúme de um para com o outro, principalmente, por parte da mulher. Segundo o psicólogo, Thiago de Almeida, as atitudes do ciumento podem afastar o ser amado, afinal, quem gosta de ser vigiado?

Para a acadêmica de jornalismo, Talita Macedo, de 21 anos, o ciúme pode atrapalhar a relação. “O parceiro acaba enjoando daquela pessoa que pega no pé por causa de ciúme. A relação desgasta por causa de brigas e, pode sim, levar um deles à traição”, afirma.

“Pra mim, a mulher não pode ser ciumenta. Essa atitude só me faz buscar outras que não sejam assim. Pode ter ciúme, mas tudo tem limite”, opina o autônomo João Pires, de 30 anos, que já terminou dois relacionamentos por causa de ciúme.

Pra terminar voltamos a Gostoso. “Sou feliz ao lado da minha mulher, mas não vou deixar de ter outros relacionamentos”.



Foto: Priscilla Mota

Uma boa noite em companhia da telinha

Elaine Prado

Mudar toda a programação de uma emissora de televisão de horário será a melhor saída para que as crianças possam assistir a outros conteúdos, ou seria melhor redirecionar sua grade pensando também nelas? O assunto já foi polêmica várias vezes, mas nunca se achou uma solu-

ção, já que a mídia tem o poder de manipular os telespectadores. Sabemos também que a televisão é o principal meio de comunicação utilizado no Brasil desde o seu surgimento, na década de 50, e o instrumento que mais tem poder de introduzir cultura na vida das pessoas, ou mesmo, introduzir apenas o que elas querem absorver para suas vidas.

“As crianças de hoje são bem ativas, não são os horários que irão mudar essa situação”, afirma o juiz José Fernandes dos Santos, que tem dois filhos, um de três anos e outro de sete anos. “É difícil colocar essas crianças na cama antes das 21 horas, se deixar eles assistem tudo”, completa a professora Rose de Lima Weiss, que também tem um filho de sete anos.

Na opinião da psicóloga Marta Vilela, doutora na área cognitivo comportamental, as crianças fazem tudo sozinhas, sem acompanhamento, elas assistem tudo sem filtrar. “É necessário que os pais acompanhem as atividades realizadas por elas”, completa a especialista.

Aquelas “chamadinhas” antes de cada programação dizendo qual a idade apropriada para permanecer assistindo teria sido uma saída, mas porque não investir em programas mais educativos? Não são apenas filmes e novelas, mas também desenhos, que são transmitidos em horários bem apropriados. O problema é o conteúdo, ou melhor, a falta dele. “A TV brasileira não tem uma programação ideal. O povo evoluiu muito e a televisão não, não têm mais o que passar”, garante o pai José Fernando.

Cenas de violência, super-heróis, bandidos. Tudo isso pode influenciar no comportamento das crianças. Antigamente em programas, como Xuxa, Eliana, havia brincadeiras para entreter e distrair. Hoje

em dia só vemos um desenho atrás do outro. Essa influência é mais um fator de estresse na vida dessas crianças, segundo a psicóloga Marta Vilela. Ela afirma que há pesquisas realizadas no Japão que comprovam que desenhos apelativos e com muitos efeitos de luzes podem influenciar neurologicamente, prejudicando a saúde delas. “Isso pode afetar a vida delas a longo prazo, pois de acordo com estudos, tudo que vemos de violência afeta o cérebro que termina de se formar apenas aos 22 anos de idade”, afirma Marta.

Mas sabemos que emissoras querem vender um produto, que naturalmente é exigido pelo público direcionado. Os pais podem também interferir no comportamento de seus filhos, impedindo a influência desses programas na vida deles. “Enquanto pai e mãe, eles devem sentar com os filhos e analisar o que está sendo passado”, dá a dica Marta Vilela.

Há várias opções e saídas. “Não deixo meu filho assistir tudo, o conteúdo está muito pesado, o que ele vê, ele quer fazer igual”, conta a professora Rose. Já o juiz José Fernando cria mais alternativas. “Loco filmes educativos para eles assistirem. Eles são inteligentes e já entendem os estilos que podem ou não se envolver”, completa.

Na Escola

Para a especialista Marta, o papel da escola é de discutir os valores que estão sendo passados através de filmes e programas diversos. Valorizar as coisas boas ao bem comum, pois o que se percebe é que primam muito o individualismo, o consumismo, por isso o papel da escola é trabalhar o bem coletivo. Mas o papel principal é com certeza dos pais.

A proprietária da escola infantil Degraus, Lídia Mota, conta que todo planejamento é feito para desenvolver o aluno. Trabalham com atividades fora da sala de aula para que as crianças possam gastar as energias com atividades saudáveis. “Muitas pedem mais atenção e acompanhamento por serem mais agitadas, mas percebemos que o comportamento deles também vêm da educação de casa. Tem uns que falam alto, e outros já são mais calmos”, diz Lídia.

